

ABC *ilustrado*: métodos de pesquisa através de imagens para identificação de um dos primeiros abecedários coloridos em língua portuguesa

*ABC *ilustrado*: research methods through images for identifying one of the first colored alphabets in the Portuguese language*

Helena de Barros
Escola Superior de Desenho Industrial,
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ESDI/UERJ)
Rio de Janeiro - Brasil

Resumo

A partir da década de 1860, observa-se o uso crescente da imagem como recurso pedagógico. O abecedário *ABC *ilustrado**, editado pela Papelaria e Livraria Gomes Pereira Editora, no Rio de Janeiro, não apresenta data, mas, ao contrário da maior parte da produção nacional do final do século XIX e início do XX, é inteiramente impresso em cores. À época, a técnica da cromolitografia despontava como um atrativo diferencial para o público infantil, ao proporcionar imagens vibrantes, detalhadas e nítidas. A ausência de datação explícita no exemplar analisado realça a necessidade do emprego de métodos interdisciplinares por parte do historiador, a fim de suprir lacunas documentais. Este artigo propõe procedimentos de investigação destinados a elucidar o contexto histórico dessa produção: a caracterização das intrincadas técnicas gráficas empregadas nas reproduções coloridas – mediante análise microscópica –, bem como métodos exploratórios, amparados por ferramentas digitais de busca de imagens, que permitiram identificar sua origem internacional, os complexos processos de adaptação gráfico-editorial e a configuração de um fluxo editorial transnacional.

Palavras-chave: Livro Infantil; Cultura Material; Metodologia de pesquisa histórica

Abstract

From the 1860s onwards, a growing usage of images as a pedagogical resource can be observed. The alphabet primer *ABC *ilustrado**, published by Papelaria e Livraria Gomes Pereira Editora in Rio de Janeiro, is undated. Yet, unlike most Brazilian publications from the late nineteenth and early twentieth centuries, it is printed entirely in colour. Chromolithography was emerging as an attractive differentiator for children, offering vibrant, detailed, and sharp images. The absence of an explicit date in the copy under analysis highlights the need for historians to employ interdisciplinary methods capable of addressing documentary gaps. This article proposes research procedures aimed at elucidating the historical context of this production: the characterisation – through microscopic analysis – of the intricate graphic techniques employed in its coloured reproductions, as well as exploratory methods, supported by digital image search tools, which enabled the identification of its international origins, the complex processes of graphic-editorial adaptation, and the configuration of a transnational editorial flow.

Keywords: Children's Book; Material Culture; Historical Research Methodology

Introdução

Para Michel de Certeau (1982), a operação da história é relativa a um lugar e a um tempo específicos. Isto ocorre, inicialmente, em função de suas técnicas de produção. Cada sociedade pensa ‘historicamente’ com os instrumentos que lhe são próprios. O historiador se ocupa de evidenciar as relações entre os produtos e os lugares de produção, estabelecendo pontes entre o passado, inerte, e o presente, dinâmico. Os signos ausentes e dispersos na superfície da atualidade, representam cenas apagadas, mas que ainda permanecem, como organizadoras de determinada realidade. Assim, é na mediação das atividades técnicas que se estabelecem compreensões entre a renovação vital da sociedade e a morte.

No final do século XIX e início do século XX, passaram a circular no Brasil impressos em cromolitografia, primeiro método industrializado de impressão colorida, em rótulos e livros ilustrados. Este estudo, baseado em pesquisa empírica e análise direta de uma fonte primária – um manual escolar colorido –, investiga sua origem e relevância histórica.

Os manuais representam para os historiadores uma fonte privilegiada, seja qual for o interesse por questões relativas à educação, à cultura ou às mentalidades, à linguagem, às ciências... ou ainda à economia do livro, às técnicas de impressão ou à semiologia da imagem. O manual é, realmente, um objeto complexo dotado de múltiplas funções, a maioria, aliás, totalmente desapercebidas aos olhos dos contemporâneos. (...) Enquanto objeto fabricado, difundido e “consumido”, o manual está sujeito às limitações técnicas de sua época e participa de um sistema econômico cujas regras e usos, tanto no nível da produção como do consumo, influem necessariamente na sua concepção quanto na sua realização material (Choppin, 2002, p.13-14).

ABC *ilustrado* é um abecedário colorido destinado à instrução das primeiras letras, com poucos registros sobre sua origem. Escrito em português, com palavras e ilustrações correspondentes às letras iniciais, seu estilo gráfico sugere que poderia se tratar de um dos primeiros abecedários impressos em cor publicados no Brasil. A pesquisa combina revisão bibliográfica e análise de imagens, investigando a técnica de impressão e os elementos textuais e imagéticos para determinar seu período de produção, iconografia, contexto pedagógico e editorial. Ferramentas de busca digital baseadas em imagens permitiram compreender os processos sociais, econômicos e culturais envolvidos nesta produção. A pesquisa visa contribuir com metodologias úteis para identificar fontes históricas relevantes para pesquisadores das áreas de história do design, dos impressos, da leitura e da alfabetização.

Abecedários, ensino intuitivo e estampas coloridas

Segundo a Biblioteca Nacional da França, os abecedários são uma das formas mais antigas de literatura juvenil, um pequeno livro que contém o alfabeto destinado a crianças que estão aprendendo a ler. Inserem as crianças em seu universo familiar, composto por brinquedos e animais ou expandem seus horizontes, introduzindo-as a outras áreas. A estrutura desses livros se manteve praticamente inalterada desde as primeiras cartilhas impressas, seguindo os passos progressivos do aprendizado da leitura: o alfabeto, acompanhado de sílabas, palavras, frases e, eventualmente, avançando para textos curtos (fábulas e contos morais, catecismo, guias de educação cívica, entre outros). Este padrão convencional, proveniente do Antigo Regime, manteve sua estrutura ao longo do século XIX e, com o avanço das técnicas de impressão, o uso de imagens passou a ser cada vez mais frequente, em preto branco e coloridas. O abecedário é um objeto simbólico que marca a passagem da infância para a era da razão e da cultura escrita. Além da introdução à leitura, transmite valores e princípios que a sociedade deseja perpetuar (Gallica, 2025).

Um abecedário “se caracteriza, portanto, pela intenção de ensinar determinado conteúdo (o alfabeto), mas oferecendo-se como uma prática de leitura que é deleite e fruição” (Ferreira; Capagnoli apud Souza, 2022, p. 245).

Por volta de 1880, processos de reprodução de imagens coloridas (mais notadamente a cromolitografia) passaram a substituir gradualmente as imagens que, anteriormente, eram impressas a uma cor e, quando coloridas, aquareladas à mão. As cores das imagens e letras impressas por processos industriais além de permitir maior tiragem, tornam-se mais complexas e detalhadas do que as coloridas manualmente (ver Figura 1). Colocaram-se como elemento persuasivo de sedução, atraindo o interesse da criança e tornando-a capaz de interpretar o conteúdo imagético, mesmo antes de se tornar habilitada para interpretar o conteúdo textual. As gravuras incluídas nos abecedários ampliam a sensibilidade para a sonoridade e o significado das letras, estabelecendo um modelo de manual escolar que se baseava nas relações entre letras/ palavras/ imagens (Peres, 2023; Souza, 2022). Tais atributos estariam então associados aos métodos do ensino intuitivo, *object teaching* ou lições das coisas, difundidos por discípulos de Pestalozzi, Froebel, Calkins, entre outros, na Europa e nos

ABC ilustrado: métodos de pesquisa através de imagens para identificação de um dos primeiros abecedários coloridos em língua portuguesa

Estados Unidos, também influentes nas reformas educacionais no Brasil do final do século XIX, até a década de 1920 (Valdemarin, 2004; Vojniak, 2014).

O então inovador ensino intuitivo se opunha ao praticado anteriormente, de repetição viciosa e soletração de palavras e frases, e propunha que a aprendizagem é produto da observação adquirida através dos sentidos. A criança deveria partir do conhecido ao desconhecido, do raciocínio concreto ao abstrato. Nesse contexto, os livros com gravuras coloridas visavam estimular a curiosidade e contribuir para a memorização.

O “método objetivo”, ou “método intuitivo”, de ensinar a ler principia, dirigindo a atenção dos alunos para algum objeto, cujo aspecto, nome e uso lhes sejam familiares. Sempre que exequível for, nas primeiras lições de leitura, se mostrará o objeto, discorrendo a seu respeito, e proferindo-lhe o nome; após o que exibirá o mestre uma estampa desse objeto, ou o desenhará no quadro preto, induzindo os alunos a notarem como essa é a imagem ou pintura dele. Em seguida, se lhe imprimirá por inteiro o nome no quadro preto, ou apresentará impresso numa carta ou mapa. Então aprenderá o discípulo a distinguir o objeto, a sua imagem e a palavra que o nomeia (Calkins, 1886, p. 436).

A influência deste método no Brasil pode ser confirmada na reforma educacional de 1879, que menciona a “Prática do ensino intuitivo ou lições de cousas” (Portal da Câmara dos Deputados, 2024). No parecer de Ruy Barbosa sobre a reforma do ensino primário e secundário em 1883, argumentos defendem o desenho – e, por extensão, as estampas ilustradas nos materiais escolares – como poderosas ferramentas de compreensão do mundo e fixação da memória:

Não ha quem não saiba do esforço espontaneamente empregado pelas crianças para representarem as pessoas, as casas, as árvores, os animaes que as rodeiam, numa lousa, si de outro meio não dispõem, ou a lapis, no papel, quando lh'o fornecem. Ver imagens é um de seus grandes prazeres; inspirando-lhes, como sempre acontece, a sua pronunciada tendência para a imitação e o desejo de debuxar outras. Nesses esforços para reproduzirem os objectos que lhes impressionam a vista, se encerra também um util exercicio da percepção, um meio de tornar as percepções mais exactas e completas. (...) o desenho deve constituir a base do ensino da escola popular (Barbosa, 1883, p. 138-139).

(...) Tendo a escripta vindo após o desenho, na historia humana, é pelo desenho que se ha de inaugurar a escripta. A mesma natureza o está indicando: todas as crianças, de sua natureza, desenham. Reunam-se ao acaso meninos de todas as raças; dê-se-lhes carvão ou giz, e elles desenharão. O cálculo é indispensavel ás primeiras operações do espirito; o desenho é imprescindivel para as fixar. Demais o desenho serve de introdução a todas a artes graphicas; e, além de que presta eminentes serviços á industria, tem a vantagem de centuplicar as forças da memoria (Barbosa, 1883, p. 140).

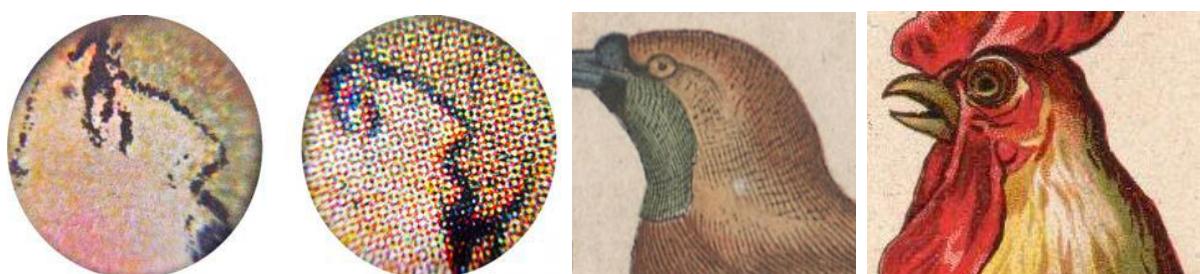
(...) o meio mais seguro e mais simples de falar ao espirito e ao coração dos meninos. não é pelo estudo das palavras, mas pelo das coisas, que os melhores mestres desenvolverão a intelligencia dos alumnos (Barbosa, 1883, p. 165).

Razzini, 2002, complementa essa acepção:

Junto com a observação e a experiência, o método intuitivo privilegiava a aprendizagem através da ilustração e do desenho. Desta maneira, a imagem tornou-se tão importante quanto o texto e nota-se que os livros dirigidos ao ensino primário (assim como os livros infantis) passaram a apresentar cada vez mais ilustrações e fotografias, inclusive nas capas, ampliando também o mercado de trabalho para artistas que até então atuavam em jornais e revistas. (...) A adoção do método intuitivo e o uso da imagem como importante recurso pedagógico só foi possível graças aos avanços das técnicas de impressão e das técnicas de fabricação do papel, em curso desde a metade do século XIX, que baratearam o custo do material didático (Razzini, 2002, p.5).

A cromolitografia é uma técnica de reprodução litográfica colorida e seriada, patenteada em 1837, que veio implementar as gravuras coloridas, antes aquareladas à mão (ver Figura 1). Teve seu auge editorial na década de 1880 e continuou em uso até meados do século XX, quando foi substituída pela filtragem de cor por dispositivos fotomecânicos para a reticulação e impressão offset. Como pode ser observado nos exemplos da Figura 1, a cromolitografia apresenta resultados mais vívidos, nítidos e complexos tanto em termos da definição da imagem quanto no espectro cromático, seja em relação à reprodução fotomecânica, ou à gravura aquarelada à mão.

Figura 1: Comparação visual de registros fotográficos microscópicos (em corte circular, ampliação de 7x) entre os resultados obtidos na cromolitografia por gravação manual e o processamento fotomecânico e detalhes de gravuras impressas a uma cor aquarelada à mão e impressão cromolitográfica.



Fonte: Elaborado pela autora, 2025, a partir de Barão de Munchhausen, 1891 e 1943, Biblioteca Nacional; *Alphabet illustré des oiseaux*, 1895, gallica.bnf.fr; ABC ilustrado, s.d., acervo da autora.

Na indústria gráfica oitocentista, um profissional altamente treinado, chamado de cromista interpretava visual e manualmente a imagem a ser reproduzida. Segundo sua orientação, cada cor era decomposta em múltiplas matrizes de pedra calcária. Depois de passar por um tratamento químico, fundamentado na repulsão entre água e óleo, as pedras eram umedecidas e as inscrições eram entintadas com tintas coloridas de base oleosa, e transferidas para o papel por meio de uma prensa industrial. As tintas possuem uma base translúcida e, ao serem combinadas e sobrepostas com precisão, resultam em uma única imagem colorida. As pedras poderiam ter variados graus de polimento com abrasivos,

ABC ilustrado: métodos de pesquisa através de imagens para identificação de um dos primeiros abecedários coloridos em língua portuguesa

adequados para diferentes métodos de desenho, variando de pedras ásperas para o desenho com crayon até pedras extremamente lisas e polidas para receber o bico de pena (Twyman, 2013; Barros, 2018). A cromolitografia configurou-se, portanto, como vetor para a circulação de intrincadas imagens coloridas nos manuais escolares deste período, sendo uma importante aliada para a aplicação do método de ensino intuitivo. “Os abecedários ilustrados ‘se pautam na visualidade, seja pela presença das imagens coloridas, seja pelas letras de tamanho, traçado, estilos e cores diferentes’” (Souza, 2015, p.143).

A materialidade e o contexto de produção do ABC ilustrado

Ciente de minha pesquisa sobre cromolitografia brasileira, há alguns anos fui presenteada pelo amigo e colecionador Gerson Lessa, com um exemplar deste antigo abecedário infantil, após ele ter adquirido outra cópia em melhor estado de conservação. Ambos não dispunham de qualquer indicação de data ou informações adicionais, como textos instrutivos sobre como utilizá-lo no ensino ou créditos, exceto pela indicação da “Papelaria e Livraria Gomes Pereira Editora”, localizada na “Rua do Ouvidor 91, Rio de Janeiro”, conforme registrado no canto inferior direito da capa. Tratam-se de impressos medindo 31 x 22 cm, com capa dura cartonada, 12 páginas, cada uma contendo de duas a três letras, acompanhadas de palavras em português, iniciando com as respectivas letras e ilustrações impressas em cores, de um só lado da folha (versos em branco).

O estilo visual e gráfico das ilustrações remete à era vitoriana, insinuando a possibilidade de ter sido produzido ao final do século XIX e, como tal, ser uma das primeiras publicações brasileiras desta ordem, impressas em cor. Buscaremos nos cercar de um conjunto de evidências materiais e documentais a fim de comprovar ou não esta suposição. Naquela virada de século, o Brasil já produzia efêmeros coloridos de alta qualidade gráfica em rótulos que chegavam a até 14 cores de impressão (Barros, 2018). Entretanto, esta ainda não era a realidade de nossas gráficas em relação à produção editorial, sendo os primeiros livros coloridos impressos fora do país e importados.

A edição de um abecedário em português, ilustrado exclusivamente com imagens impressas coloridas destinado à iniciação das letras para a primeira infância brasileira, era um empreendimento ambicioso para a época. Conforme pesquisas recentes indicam (Souza, 2022; Peres, 2023), abecedários em português já eram publicados desde o século XVI, mas a maior parte deles era impresso em somente uma cor “as gravuras dos abecedários em língua

portuguesa são exclusivamente em preto e branco” (Souza, 2022, p. 313). Peres, em artigo mais recente (2023), fez um levantamento de anúncios de abecedários em periódicos nacionais do século XIX que, aparentemente, poderia contradizer esta informação. Os dados, aqui compilados, indicam pelo menos três títulos com ilustrações coloridas:

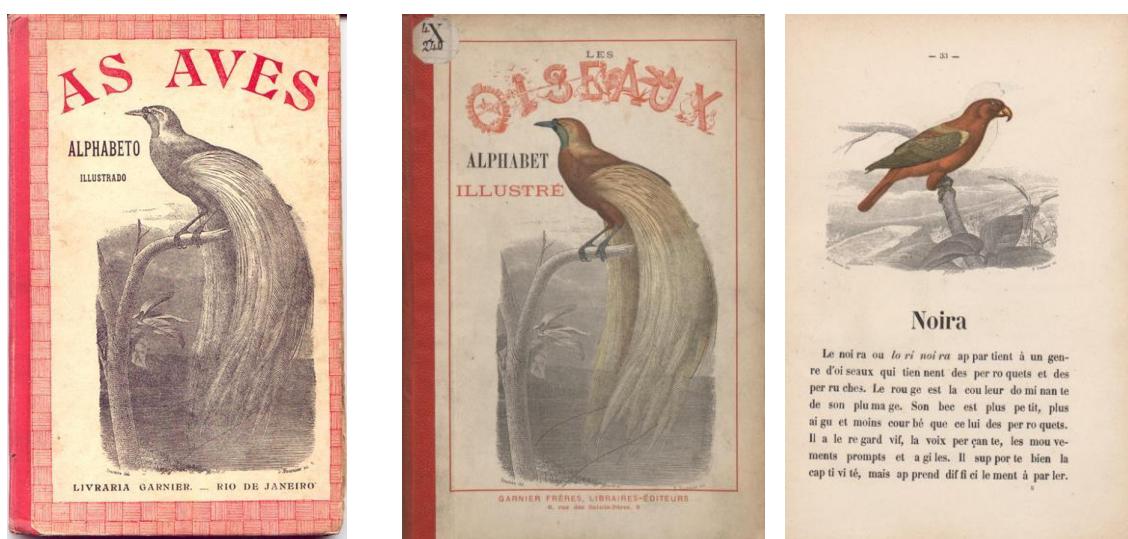
Tabela 1. Anúncios nacionais de abecedários do século XIX com menção às ilustrações coloridas:

Título	Periódico	ano	pág.	citação	Editora
Alphabeto da História Natural	Diário do Rio de Janeiro	1837	p. 2	24 estampas coloridas	Laemmert
Novo Alphabeto Pitoresco	Diário do Maranhão	1879	s/p	objetos superiormente coloridos	Livraria Universal (Laemmert)
Alphabeto Illustrado das Aves	Jornal do Recife	1897	p. 2	repleto de desenhos coloridos	Garnier

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Peres, 2023 e Hemeroteca Digital, 2025.

Pelas datas e disponibilidade de processos gráficos, arriscamo-nos a afirmar que antes de 1880 era pouco provável que se tratasse de impressos coloridos, sendo mais comum a coloração manual. Não foi possível localizar edições originais destas obras para confirmação. A única cópia física encontrada foi o Alphabeto Illustrado das Aves, indexado no Centro de Referência em Educação - CRE Mario Covas, editado posteriormente, em 1911 e, nesse caso, a gravura não é colorida (ver Figura 2).

Figura 2: Capa de Alphabeto Illustrado das Aves, Garnier, c. 1911; e capa e página interna de Alphabet illustré des oiseaux, Garnier, 1885.



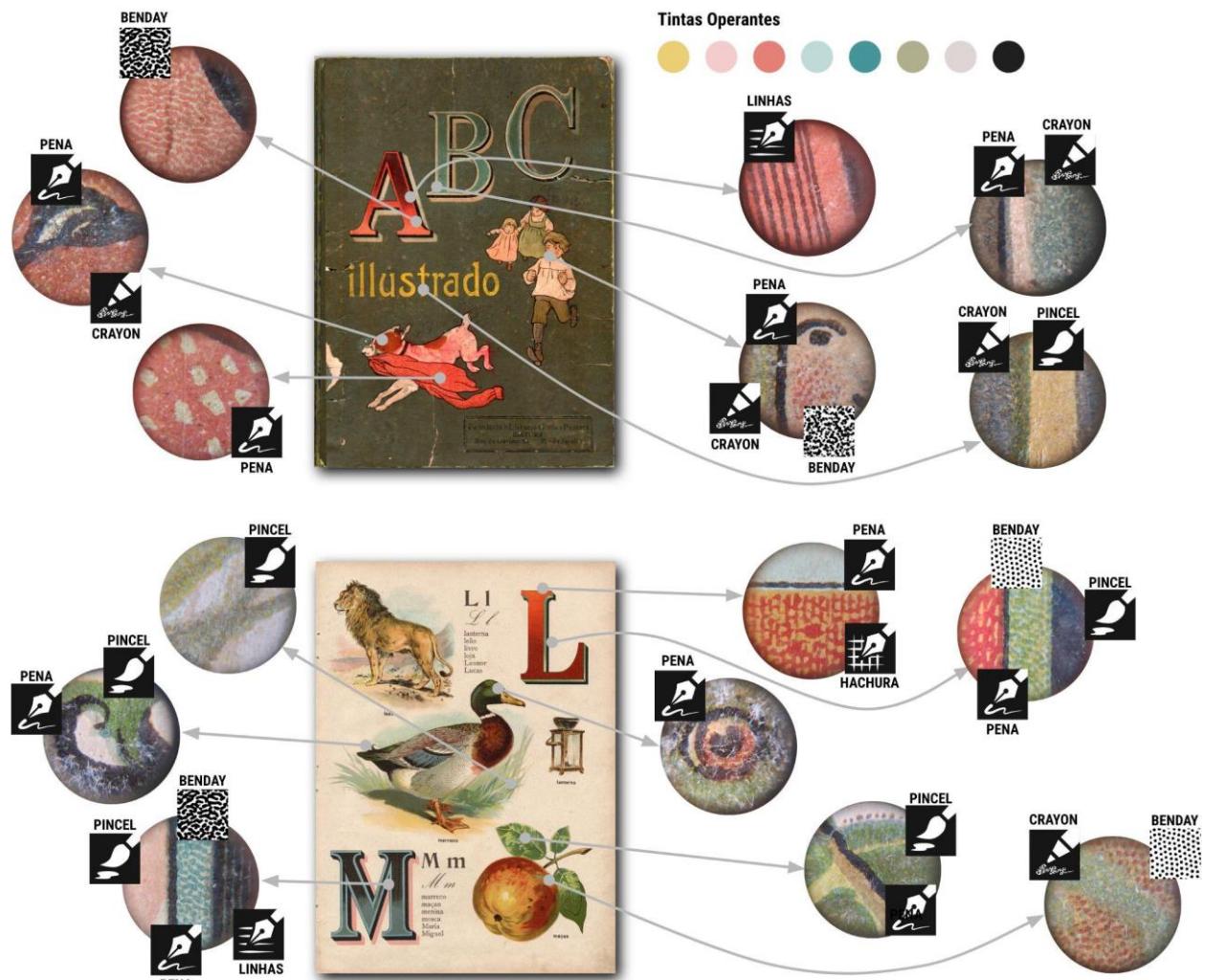
Fonte: crmariocovas.sp.gov.br e gallica.bnf.fr, 2025.

ABC ilustrado: métodos de pesquisa através de imagens para identificação de um dos primeiros abecedários coloridos em língua portuguesa

A busca pelo mesmo título em francês localizou edição de 1885, também publicada pela Garnier, no acervo da Biblioteca Nacional da França. A partir do exame das imagens digitais ampliadas, deduz-se, conforme a suspeita, que são gravuras impressas a uma cor aquareladas manualmente (ver detalhe ampliado na figura 1), como também deve ser a versão publicada no Brasil em 1897. Os anúncios brasileiros já explicitam, desde meados do século XIX, a evidência da demanda e o desejo por livros com ilustrações coloridas.

Ao contrário destas obras, *ABC illustrado*, é totalmente impresso em cores. Pelo método proposto por Barros (2018) – a observação e registro fotográfico microscópico –, identifica-se as técnicas de gravação e cores utilizadas na impressão (Figura 3).

Figura 3: *ABC illustrado*, capa e p. 6, com registros fotográficos microscópicos indicando as técnicas de gravação cromolitográfica em crayon, bico de pena, pincel, mídias de sombreamento de Benday e o conjunto de tintas operantes usadas na impressão.



Fonte: Elaborado pela autora a partir do acervo da autora, 2025.

ABC *ilustrado* apresenta-se em técnica mista, mesclando diferentes tipos de gravação cromolitográfica numa paleta de cor complexa e vívida, resultado da conjugação de oito tintas. Através da microanálise, observando pequenas áreas de desencontro do registro, identifica-se as tintas em operação: amarelo, dois tons de rosa, dois tons de azul, ocre, cinza e preto. Algumas cores são geradas pela superposição de tintas: por exemplo, o vermelho é gerado pela sobreposição do rosado com amarelo, alcançando um tom amarronzado pela superposição de oliva. Como pode ser observado pelos registros microscópicos, a gravação conta com as técnicas do crayon em pedra áspera, contorno, preenchimento em hachuras livres a bico de pena e áreas de padrões gráficos aplicados – processo conhecido como tintas mecânicas ou mídias de sombreamento de Benday (ver Barros, 2018), com ampla variedade de texturas e efeitos gráficos.

Nas ilustrações de miolo, a mesma paleta de cor é utilizada, sendo que, nas páginas internas, ao contrário da capa, o fundo não é totalmente preenchido, as figuras destacam-se sobre o branco do papel, resultando numa paleta leve, suave e brilhante. De acordo com a complexidade das técnicas apresentadas, o livro confirma-se como um exemplar produzido entre o final do século XIX e início do século XX, já que as mídias de sombreamento passam a ser utilizadas somente na década de 1890 e a cromolitografia com processos de gravação manual passa a ser substituída por processos fotomecânicos nas primeiras décadas do século XX. O intervalo da datação, porém, é ainda amplo e pouco preciso.

A partir desta primeira confirmação, outras comprovações foram amparadas pela pesquisa digital através de imagens, como será demonstrado a seguir.

Evidência das imagens no contexto digital e contribuição para a pesquisa histórica

A adoção de ferramentas digitais na pesquisa histórica tem se mostrado um avanço fundamental para estudiosos, permitindo a localização de peças em contextos mais abrangentes que os acervos institucionais, indicando fontes primárias involuntárias, que muitas vezes são acompanhadas de informações precisas, voltadas para o contexto de venda. Esse é o caso dos mais diversos repositórios online, não mais restritos às instituições museológicas e arquivísticas, mas entre o colecionismo amador e comercial, que disponibilizam sob a forma de arquivos digitais, acervos de imagem e texto, seja para o compartilhamento em redes sociais ou para o comércio de antiguidades, que podem complementar a formação de panoramas complexos e multifacetados de períodos históricos.

ABC ilustrado: métodos de pesquisa através de imagens para identificação de um dos primeiros abecedários coloridos em língua portuguesa

Este é o caso, por exemplo, do Flickr, da AbeBooks, BookFinder, Ebay, Mercado Livre, Leilões.br, etc. que podem se converter em fontes de pesquisa digital.

Desde a Escola de Annales, historiadores têm incorporado abordagens visuais para interpretar as representações culturais em diferentes períodos.

Os maiores problemas para os novos historiadores, no entanto, são certamente aqueles das fontes e dos métodos. Já foi sugerido que quando os historiadores começaram a fazer novos tipos de perguntas sobre o passado, para escolher novos objetos de pesquisa, tiveram de buscar novos tipos de fontes, para suplementar as oficiais. Alguns se voltaram para a história oral; outros à evidência das imagens; outros à estatística (Burke, 1992, p. 25).

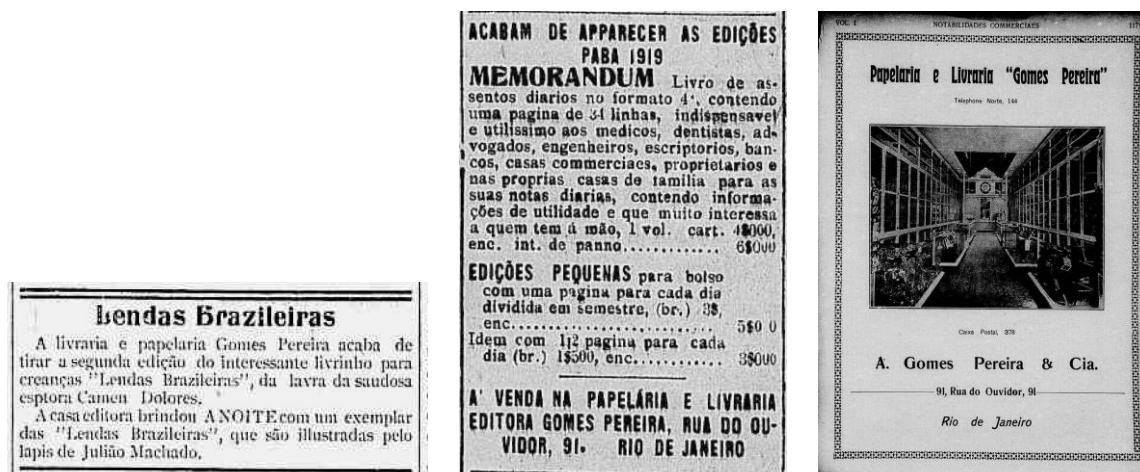
Quase todos fazem uso diário da fotografia, seja como ilustrações, auxílios à memória ou como substitutos de objetos descritos através dela (Gaskell In: Burke, 1992, p. 241)

Ressalta-se a importância da fotografia digital, amplamente disponibilizada no ambiente virtual, sendo os mecanismos de busca e hiperlinks essenciais, por facilitarem o acesso a fontes e conteúdos interconectados.

A Hemeroteca digital da Fundação Biblioteca Nacional é exemplo de um dos mais usuais recursos de pesquisa histórica institucional no Brasil, através dos meios digitais, fazendo uso da digitalização de imagem de todas as páginas dos periódicos presentes no acervo e que, através do reconhecimento ótico de caracteres (Optical Character Recognition - OCR), permite converter as imagens dos documentos escaneados em texto pesquisável, possibilitando a busca localizada de termos e palavras-chave em amplas coleções documentais.

A busca textual pela expressão “Gomes Pereira” na base de dados da Hemeroteca encontrou registros poucos dessa editora em anúncios de periódicos cariocas (Figura 4).

Figura 4: Anúncios da Papelaria e Livraria Gomes Pereira: divulgando a publicação do livro *Lendas Brazileiras*, de Carmen Dolores, 1915; anunciando memorando em 1918 e com foto do estabelecimento, em 1924.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Hemeroteca Digital: A Noite, Anno V, n. 1151, 9 mar. 1915, p. 4; O Imparcial, 21 nov. 1918. p.9; Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ), vol. 1, 1924, p. 1171.

O jornal *A Noite*, de 1915, anunciou a publicação do livro *Lendas Brazileiras* por esta editora, com autoria de Carmen Dolores e ilustrações do renomado caricaturista português radicado no Brasil, Julião Machado. No jornal *O Imparcial*, de 1918, foi anunciado um *Memorandum*, remetendo ao mesmo endereço já citado. No Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ) – 1891 a 1940, foi apresentado um anúncio de página inteira com uma foto do estabelecimento em 1924 (Figura 4). Pelos registros da atividade da editora, entre 1915 e 1924, o abecedário, alvo da pesquisa, localizaria-se então, nas primeiras décadas do século XX, afastando-se do século XIX.

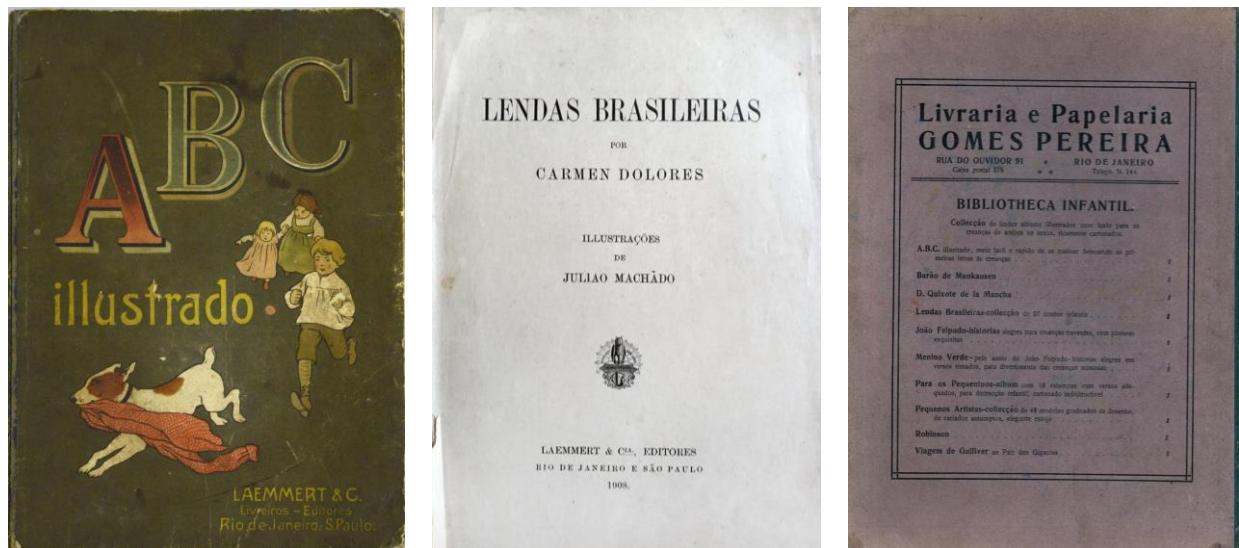
A busca digital baseada em imagens pictóricas, entretanto, foi fundamental para expandir, complementar e precisar informações. O recurso chamado de ‘busca reversa de imagens’ disponibilizado pela ferramenta *Google Images*, disponível na plataforma *Google* a desde 2011, foi desenvolvido inicialmente para a demanda de localização de vestuário e acessórios, como meio de facilitar o comércio de grandes marcas (*Google Images*, 2024). Esta ferramenta pode ser utilizada como uma maneira eficaz de encontrar informações confiáveis e contextuais a partir de quaisquer tipos de imagem, além de auxiliar a localizar as fontes originais de publicação na web. A ferramenta *Google Lens*, mais recentemente aprimorada por redes neurais e inteligência artificial, auxilia a localizar outras imagens de configuração visual semelhante à que se busca. Pesquisas acadêmicas que tratam destas ferramentas como método de apoio na pesquisa histórica ainda são escassas. O recurso se demonstra como um potente aliado do historiador e pesquisador de imagens, já tendo sido empregado em ocasiões anteriores pela autora (Barros, 2022). O pesquisador Matthew Bird reforça as vantagens das ferramentas de busca digital de imagens para o historiador de design, comentando sobre a utilidade dos sites de colecionadores e de comerciantes, como as casas de leilão online, para a complementação de dados precisos usados no contexto de venda, além de oferecer registros fotográficos de qualidade (Bird, 2023, p. 113).

“ABC *ilustrado*” é um termo excessivamente genérico, remetendo a centenas de publicações históricas e contemporâneas. Porém, ao se submeter a imagem da capa digitalizada no mecanismo de busca *Google Images*, localizou-se diretamente uma capa idêntica em um leilão já finalizado, em 2016, porém com a edição assinada pela editora

ABC ilustrado: métodos de pesquisa através de imagens para identificação de um dos primeiros abecedários coloridos em língua portuguesa

Laemmert do Rio de Janeiro e São Paulo (ver Figura 5). Ao contrário da Gomes Pereira, a Editora Laemmert é amplamente reconhecida por sua atuação no Brasil.

Figura 5: Capa do ABC Ilustrado encontrada em leilão finalizado com o crédito da Laemmert & C., s.d.; Folha de rosto de Lendas Brasileiras, editado pela Laemmert, 1908. Contra capa de ABC illustrado editado pela Gomes Pereira, s.d.



Fonte: [Levy Leiloeiro](#), 2016; [Bignotto](#), 2021, acervo de Gerson Lessa, 2022.

Fundada por dois irmãos de origem alemã, os Laemmert iniciaram operações no Brasil na década de 1830, com a Livraria e a Typographia Universal, referências pioneiros de alta qualidade gráfica no mercado brasileiro. Destacam-se por uma vasta produção de periódicos, brochuras e livros, principalmente voltados para história e ciências, livros técnicos, médicos e didáticos, miscelâneas literárias. “Quando a firma abandonou a edição de livros, em 1909, havia produzido um total de 1440 obras de autores brasileiros, além de cerca de 400 traduções do inglês, do francês, do alemão e do italiano” (Hallewell, 2012, p. 261). O Almanack Laemmert foi um grande sucesso comercial que rapidamente distanciou-se de todos os concorrentes em seu detalhado compêndio de registros censitários, propagandas e endereços comerciais. Atualmente é uma reconhecida fonte para a pesquisa histórica, recurso fundamental na compreensão do cotidiano brasileiro do século retrasado – conforme aqui exemplificado na localização de anúncios da Gomes Pereira. O já mencionado livro “Lendas Brasileiras”, de Carmen Dolores, anunciado pela Gomes Pereira em 1915, foi lançado pela Laemmert em 1908, como pode ser comprovado pela imagem da folha de rosto, pertencente ao acervo de Cilza Bignotto, localizada online (Figura 5). A Laemmert mantinha uma biblioteca com um exemplar de cada edição produzida pela firma, destruída em um

grande incêndio em 1909, após o qual os direitos autorais, a clientela e a reputação foram vendidos à Francisco Alves (Hallewell, 2012).

Depois de localizar a capa do *ABC illustrado* da Laemmert, a inspeção atenta do exemplar da autora identificou um quadro retangular, com a mesma cor de fundo, colado no canto inferior direito, exatamente sobre a área antes ocupada pela Laemmert, configurando um indício da publicação original, atualizada posteriormente para a Gomes Pereira, pela aplicação desta etiqueta (ver figura 6). Presume-se, então, que parte dos fundos editoriais da Laemmert, além da Francisco Alves, podem ter sido adquiridos pela Gomes Pereira, para pagar dívidas. Na segunda cópia do *ABC illustrado* do acervo de Gerson Lessa, o crédito da Editora Gomes Pereira está de fato impresso na capa. Esta última, melhor conservada, possui contracapa, onde se anunciam outros títulos infanto-juvenis (ver figura 5) – entre eles Barão de Munkausen, D. Quixote de la Mancha, Lendas Brasileiras, João Felpudo, Robson e Viagem de Gulliver, que também faziam parte do catálogo da Laemmert (Barros, 2022).

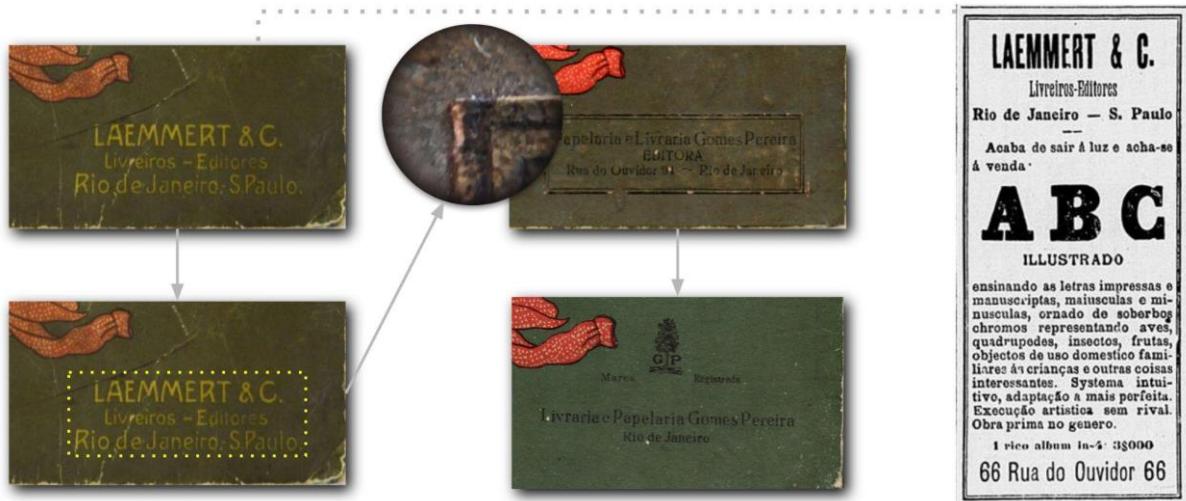
Novas buscas na Hemeroteca Digital foram feitas associando a expressão “*ABC illustrado*” agora conjugada com “Laemmert”. Foi então possível localizar um anúncio publicado no periódico *Correio da Manhã*, a 28 de março de 1906 (ver Figura 6), onde se lê:

Laemmert & C. Livreiros editores, Rio de Janeiro e S. Paulo. Acaba de sair à luz e acha-se à venda *ABC illustrado*, ensinando as letras impressas e *manuscriptas*, *maiusculas* e *minusculas*, ornado de soberbos *chromos* representando aves, *quadrupedes*, *insectos*, *frutas*, *objectos* de uso doméstico familiares às crianças e outras coisas interessantes. *Systema intuitivo*, adaptação a mais perfeita. Execução *artística* sem rival. Obra prima do gênero. 1 rico *album in-4* 3\$000 (Hemeroteca).

O anúncio confirma a data de lançamento da primeira edição brasileira da Laemmert, em 1906, a retórica comercial, destacando os principais atrativos, como os ‘soberbos chromos’ e temas ilustrados, a aplicação do ‘*systema intuitivo*’, a ‘adaptação’, além de especificar o preço de venda – 3\$000 (3 mil réis), que pode ser hipoteticamente atualizado para cerca de R\$ 75,00 (DINIZ NUMISMÁTICA, 2025, equivalente a \$12 ou £10, em janeiro de 2025) – o que pode ser considerado razoavelmente acessível para um livro totalmente ilustrado em cores, novidade para a época. Após o incêndio de 1909, provavelmente os exemplares remanescentes desta tiragem foram adquiridos pela Gomes Pereira, se valendo da emenda na capa. Posteriormente, a edição foi relançada em nova tiragem, nesse caso já incorporando os dados da editora impressos na capa e acrescidos de sua marca comercial (Figura 6).

ABC ilustrado: métodos de pesquisa através de imagens para identificação de um dos primeiros abecedários coloridos em língua portuguesa

Figura 6: Detalhes ampliados das capas das três edições localizadas de *ABC ilustrado*, sendo a primeira da Laemmert, (acompanhada de anúncio do lançamento do livro no periódico *Correio da Manhã*, de 28 de março de 1906); da Papelaria, Livraria Gomes Pereira Editora, c. 1909 (incluindo o detalhe da emenda sobreposta); e da Livraria Gomes Pereira Editora, s.d., impresso com a marca registrada da editora.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de Levy Leiloeiro; acervo da autora; acervo de Gerson Lessa, 2022; e Hemeroteca digital, 2025.

A seguir, a imagem digitalizada de uma página interna foi submetida ao aplicativo *Google Lens*, em busca de outras páginas semelhantes. Quando pesquisada na íntegra, não localizou nenhum resultado, porém, quando concentrada apenas na ilustração do balão de ar quente e com a opção ‘visual matches’ acionada, levou à Biblioteca Metropolitana de Tóquio, indicando uma página de configuração diferente, mas com o mesmo estilo de ilustrações e letras, referindo-se a imagem de *Luftballon*, com o título *Buntes ABC* – ‘balão de ar’ e ‘ABC colorido’, em alemão (ver figura 7).

Foi então realizada nova pesquisa via *Google Imagens*, agora buscando pela expressão “*Buntes ABC*” junto à imagem da página interna alemã, localizando uma imagem de capa em edição publicada em Stuttgart, 1900, por *Ohne Verlagsangabe*, à venda em um antiquário alemão e duas edições anteriores com outra capa, em site holandês e austríaco, (Figura 8). As informações de venda, baseadas na folha de rosto, revelaram a identidade do ilustrador, Christian Votteler, a data da primeira edição, em 1892, publicada por *Wilh Effenberger, F. Loewes Verlag*, em Stuttgart, com reedição em 1897, incluindo exemplos de outras páginas internas. Estas primeiras edições incluíam páginas de textos de leitura (ver Figura 7, livro aberto). As páginas complementares de texto não estão presentes nas edições brasileiras, que possuem apenas as páginas coloridas, configurando uma adaptação mais simples e econômica.

Figura 7: Percurso de pesquisa no Google Lens, a partir da página 1 de ABC ilustrado, concentrando-se na ilustração do balão à gás, identificou a ilustração de ‘luftballon’ na edição alemã de “Buntes ABC” disponibilizada pela Tokyo Metropolitan Library. Dupla de página interna da edição alemã à venda no ebay.at.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de imagem submetida no [Google Lens](#) e resultados de imagem obtidos em [Tokio Metropolitan Library](#) e em [Ebay.at](#).

Com base na análise dos registros da web, observou-se que as capas das edições alemãs (de 1892, 1897 e 1900) representam imagens associadas ao cotidiano e clima europeu, com crianças escrevendo o ABC na neve. Entende-se que, para atender ao público de um país tropical, a capa da publicação foi redesenhada para adequar-se à essência do novo ambiente. A capa da edição brasileira tem fundo verde acinzentado e apresenta três crianças brincando e correndo atrás de um cachorro que carrega uma camisa vermelha na boca (Figura 8).

Figura 8: Conjuntos das três capas das edições alemãs de Buntes ABC, de F. Loewes Verlag, 1892 e 1897, Ohne Verlagsangabe, 1900, com crianças escrevendo na neve e as adaptações para o Brasil nas três capas de ABC ilustrado, Laemmert, c. 1906 e os dois exemplares da Papelaria e Livraria Gomes Pereira Editora, s.d.

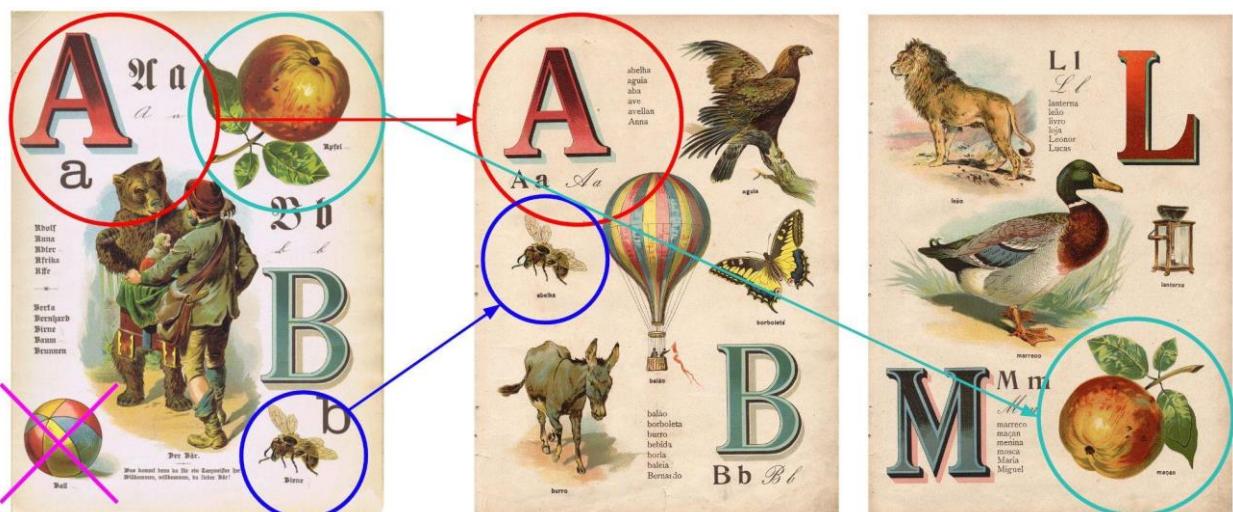


Fonte: Elaborado pela Autora a partir de Buntes ABC, disponível em: [lastdodo.nl](#), [Ebay.de](#); [buchfreund.de](#) e [booklooker.de](#) e ABC ilustrado, disponível em [levy leiloeiro](#); acervo da autora e acervo de Gerson Lessa, 2022.

ABC ilustrado: métodos de pesquisa através de imagens para identificação de um dos primeiros abecedários coloridos em língua portuguesa

A comparação com as páginas internas da edição alemã demonstra um meticoloso processo gráfico realizado na reelaboração das páginas brasileiras, correspondendo o uso das letras maiúsculas com palavras em português que compartilham das mesmas iniciais. Além disso, as ilustrações foram reconfiguradas para se alinharem às nuances culturais e idiomáticas do novo contexto linguístico; algumas foram realocadas, outras excluídas e novas incorporadas ao conteúdo (ver Figura 9). Neste exemplo, as imagens da letra A e da Abelha foram mantidas. A imagem do Urso (*der Bär*) com inicial diferente, foi eliminada. A imagem da bola, mesmo tendo a inicial B, foi suprimida, dando preferência às ilustrações do Burro, do Balão e da Borboleta. A ilustração da Maçã, *Apfel*, em alemão, foi rotacionada e deslocada para a página da letra M, acompanhada de sua grafia antiga, *Maçan*.

Figura 9: Demonstração de como as ilustrações da página 1 da edição alemã foram reorganizados e regravados em duas páginas distintas da edição brasileira.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de imagem disponível em [Ebay.de](https://www.ebay.de), 1897, p. 1 e p. 6 e acervo de Gerson Lessa, s.d., p. 1 (ao centro).

É relevante destacar que, devido à natureza da cromolitografia como um processo de gravação manual que envolve a criação direta das imagens em matrizes de pedra, não era possível replicar o design por meio de reprodução fotográfica ou técnicas de recorte e colagem, usadas posteriormente no meio gráfico. Assim, para a edição brasileira, as páginas precisaram ser totalmente reelaboradas e regravadas para efetivar a nova composição.

Na edição alemã, além das letras maiúsculas coloridas em destaque, hachuradas e sombreadas, simulando relevo tridimensional, são apresentadas variações de letras maiúsculas e minúsculas em tipos góticos, ao estilo Fraktur, e em letra cursiva, escrita a bico de pena, como modelos para o reconhecimento e replicação dos estudantes. Cada página apresenta de duas a

três letras principais e 10 palavras correspondentes, bem como uma frase de aplicação e fixação do vocabulário – o exemplo que acompanha a letra B, é “*Der Bär: Willkommen, willkommen, bu lieber Bär!*” (O Urso: “Bem-vindo, bem-vindo, querido urso!”).

Na versão brasileira, a tipografia gótica característica da cultura Alemã foi substituída por letras de imprensa serifadas, mais comuns entre nós, e a letra cursiva, por um modelo caligráfico mais formal. As frases contextuais foram dispensadas, mas exemplificam-se nomes próprios populares neste período – entre eles Deolinda, Ernestina, Gertrudes, Henriqueta, Horacio, Isidora, Nicolau, Noé, Octávio, Quintino, Quitéria, Romualdo, Salomão, Serafim, Tobias, Urbano, Valentina, Zacharias, Zoroastro. A maior parte deles se tornou incomum nos tempos atuais, refletindo a identidade cultural da época.

Considerações finais

Retomando a reflexão inicial de Certeau (1982), a missão do historiador é desvendar, por meio de vestígios, os elos entre o passado e a consciência histórica, renovando seus sentidos no presente. Com a revolução digital, as fontes e informações tratáveis se tornaram imensuráveis, exigindo habilidade para localizar e articular esses rastros, como num quebra-cabeças, iluminando a compreensão de conexões e significados mais amplos.

A ausência da datação explícita em uma evidência material, salienta a utilidade de métodos interdisciplinares – como a análise técnica e a busca reversa de imagens – para elucidar contextos históricos a princípio nebulosos em registros convencionais. A análise deste ABC *ilustrado* se iniciou com o reconhecimento material da técnica de impressão como primeiro indício de uma produção histórica relevante. A combinação de métodos de investigação material com a pesquisa digital permitiu contextualizar a obra e revelar relações editoriais de mais de um século atrás. Esta reconstrução não foi traçada apenas por registros em instituições arquivísticas, mas complementada por vestígios comerciais contemporâneos, organizando dados digitais disponibilizados por sites de leilões e antiquários e que estavam dispersos na rede.

ABC *ilustrado* exemplifica a influência dos fluxos culturais e técnicos no desenvolvimento histórico de materiais didáticos. O contexto do ensino intuitivo contribui para a compreensão das transformações da cultura material escolar na história da educação infantil brasileira. Representa a transição para práticas pedagógicas modernas, baseadas no desenho e na observação sensorial, conforme defendido por Ruy Barbosa. O uso da cromolitografia, com cores vibrantes,

ABC ilustrado: métodos de pesquisa através de imagens para identificação de um dos primeiros abecedários coloridos em língua portuguesa

temas familiares e letras estilizadas, promoveu o aprendizado, estimulando o reconhecimento de letras e palavras pelas crianças, antes da leitura fluente. A publicidade da época confirma o objetivo comercial de tornar a instrução das primeiras letras mais atraente e acessível. Ao integrar imagens ricamente coloridas, *ABC ilustrado* antecipa debates contemporâneos que demonstram a importância das relações entre design, técnicas gráficas, pedagogia e consumo, operando como atributos que reforçam o aprendizado através da visualidade, propiciando uma alfabetização lúdica e eficiente.

O processo de adaptação editorial incluiu a substituição de elementos e a reorganização das páginas, demonstrando a complexidade da elaboração gráfica diante de contextos educacionais transnacionais. Foi possível reconstituir os vínculos entre as editoras nacionais Gomes Pereira e Laemmert e as alemãs *Loewes Verlage* e *Ohne Verlagsangabe*, evidenciando a operação de um princípio de globalização editorial no início do século XX.

Até que se prove o contrário, *ABC ilustrado* comprova-se como uma das primeiras cartilhas impressas em cor, publicadas no Brasil, em língua portuguesa. Registrando o estilo visual, técnicas gráficas e influências pedagógicas de sua época, os métodos de pesquisa apresentados neste estudo resgatam dados precisos, indicando que este abecedário foi idealizado na Alemanha, em 1892, com ilustrações de Christian Votteler (não creditado nas edições brasileiras), adaptado para o Brasil em 1906, por iniciativa da renomada Editora Laemmert. A publicação obteve sucesso comercial mesmo após a falência da Laemmert, identificando a Gomes Pereira Editora, até então pouco conhecida, como uma das herdeiras do prestigiado catálogo, assinando sua marca registrada em ao menos duas edições posteriores.

Espera-se que os métodos de pesquisa através de imagens aqui apresentados, tanto a análise técnica como a busca reversa auxiliada por inteligência artificial, possam contribuir com outros pesquisadores para ampliar fontes e reconhecer rastros materiais e digitais da nossa história e da nossa cultura material que tanto ainda precisa ser problematizada, valorizada e compreendida. E que as tecnologias do passado e do presente possam caminhar juntas para a aquisição do conhecimento.

Referências

BARBOSA, Ruy (Relator). *Reforma no ensino primário e varias instituições complementares da instrucción publica*. Parecer e projecto da Comissão de Instrucção publica composta dos deputados Ruy Barbosa, Thomaz do Bomfim Espinola e Ulisses Machado Pereira Vianna. Rio de Janeiro: Typografia Nacional, 1883.

BARROS, Helena de. **Em busca da cor:** construção cromática e linguagem gráfica de rótulos cromolitográficos do Arquivo Nacional e da Biblioteca Nacional (1876-1919). 2018. 300f. Tese (Doutorado em Design) - Escola Superior de Desenho Industrial, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BARROS, Helena de. “Materialidade, projeto editorial, ilustração e técnicas de impressão nas edições dos Livros redigidos para a mocidade brasileira traduzidos por Carlos Jansen, 1882-1943”. In: SOARES, Gabriela Pellegrino; RAFFAINI, Patricia Tavares (org.). **Livros infantis velhos e esquecidos.** São Paulo: Publicações BBM, 2022. p. 133-162. Disponível em: <https://bbm.usp.br/documents/85/LivrosInfantisVelhosEEsquecidos.pdf>. Acesso em: 6 jan. 2025.

BIRD, Matthew. *Using digital tools to work around the canon*. In: Kaufmann-Buhler et al. (org.). **Design History Beyond the Canon**. London: Bloomsbury Visual Arts, 2023 [2019], pp. 111-128.

BURKE, Peter (org.). **A escrita da história:** novas perspectivas. São Paulo: Ed. Unesp, 1992.

CALKINS, Norman Allison. **Primeira Lições de Coisas.** Manual de ensino elementar para uso de pais e professores. Trad. Ruy Barbosa. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1886. Disponível em:

https://www.google.com.br/books/edition/Primeiras_li%C3%A7%C3%A3os_de_coisas/y_s_AQAAMAAJ?hl=pt-BR&gbpv=1. Acesso em: 20 mai. 2024.

CARLOS, Valter Natal Valim; SOOMA, José Cláudio. O ensino intuitivo em livros escolares ilustrados: notas para pensar algumas lições ensinadas no último quartel do século XIX. **Revista Brasileira de História da Educação**, 24. DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhe.v24.2024.e307>.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHOPPIN, Alain. O historiador e o livro escolar. **Revista História da Educação**. Editora da UFPel: Pelotas: 2002. pp. 5-24.

DINIZ NUMISMÁTICA. Disponível em: <https://www.diniznumismatica.com/p/conversao-de-reis-para-o-real.html>. Acesso em: 7 mai. 2025.

GALLICA. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/>. Acesso em: 6 jan. 2025.

Google Images. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Wikimedia, 2025. Disponível em: https://en.wikipedia.org/wiki/Google_Images. Acesso em: 8 jan. 2025.

HALLEWELL, Laurence. **O Livro no Brasil:** Sua História. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

HEMEROTECA DIGITAL. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/>. Acesso em: 8 jan. 2025.

PERES, Eliane. A circulação de abecedários e alphabets *illustrados* no Brasil no século XIX. **Revista Brasileira de Alfabetização**, n. 19. 2023. pp. 1-17.

ABC ilustrado: métodos de pesquisa através de imagens para identificação de um dos primeiros abecedários coloridos em língua portuguesa

PORTAL DA CÂMARA DOS DEPUTADOS. Legislação Informatizada - **Decreto N° 7.247, de 19 de abril de 1879** - Publicação Original. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7247-19-abril-1879-547933-publicacaooriginal-62862-pe.html>. Acesso em: 24 mai. 2024.

RAZZINI, Márcia de Paula Gregório. Práticas de leitura e memória escolar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO – SBHE, 2., 2002, [Belo Horizonte]. *Anais eletrônicos* [...]. [Belo Horizonte]: SBHE, 2002. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1xOYSZUegrEecPp-44LUe2s-y78OD7y2/view?usp=sharing>. Acesso em: 8 jan. 2025.

SOUZA, Mariana Venafre Pereira de. **Abecedários do século XIX. Letras, palavras e gravuras em circulação transnacional**. Porto Alegre: UFRGS. 2022. 329 f. (Tese Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

TWYMAN, Michael. **A history of chromolithography: printed colour for all**. London: British Library, 2013.

VALDEMARIN, Vera. **Estudando as Lições de Coisas**: análise dos fundamentos filosóficos do Método de Ensino Intuitivo. Campinas: Autores Associados, 2004.

VOJNIAK, Fernando. O Império das primeiras letras: epítome de uma história de cartilhas de alfabetização no século XIX. In: **Revista Educação e Políticas em Debate** – v. 3, n.1 – jan./jul. 2014. pp. 23-37.

Agradecimento

Agradeço ao amigo e colecionador Gerson Lessa, professor do curso de design da UFRJ, pela aquisição e doação do livro ABC *ilustrado* e pela digitalização de imagens de sua cópia, assim como autorização de uso nesta publicação.

Sobre a autora

Helena de Barros

Doutora em Design pela ESDI/UERJ, com tese premiada pelo MCB e CAPES. Professora adjunta na mesma instituição. Bolsista da Fundação Biblioteca Nacional (2019) e do Centre for Book Cultures and Publishing Visiting Research Fellowship na University of Reading (2025). Integra o grupo Memoráveis/CNPq. Coordena o Grupo de Interesse Especial - Memória Gráfica (SBDI). Especialista em técnicas gráficas, pesquisa a influência das tecnologias de reprodução no design, com ênfase na cromolitografia brasileira, conectando cultura material, visualização de dados e ferramentas digitais.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7862-2801> E-mail: helenbar@esdi.uerj.br

Recebido em: 04/07/2025

Aceito para publicação em: 11/08/2025